



# PERFIL

## **PROF. CARLA FREITAS:**

*Considerando seus estudos que apontam Brasília como uma cidade planejada com ideais de cidadania que seriam atingidos, dentre outras coisas, pela separação entre as escalas, tanto fisicamente quanto conceitualmente, de modo que tal organização contribuiria para a formação do homem individual, atendendo às necessidades daquilo que é particular do sujeito, e do homem enquanto ser coletivo, formando um cidadão livre. E percebendo que atualmente Brasília enfrenta atualmente vários problemas de mobilidade urbana, gerados principalmente pelo uso excessivo do automóvel e pelos poucos espaços destinados ao pedestre. Como, na sua opinião, o que deu certo em Brasília e o que não funcionou? Como você vê o desenvolvimento da arquitetura de Brasília hoje?*

## **PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

Fico gratificado e agradecido por vocês terem me chamado para uma conversa. E gostaria de acreditar que vocês me cha-

ENTREVISTA PROF. MATHEUS GOROVITZ  
Aline Zim | Carla Freitas | Carolina Borges | Professoras do CAU UCB

maram porque acreditam que o tipo de abordagem que a gente adotava na época em que nos encontrávamos na UnB tinha alguma importância, uma relevância.

Acredito que a conversa deveria se direcionar no modo como vocês formularam a questão, basicamente sobre a cidade de Brasília e sobre o ensino da arquitetura, e vocês já acenaram para a reposta. O ensino da arquitetura implica em uma formação artística. Deve-se considerar a arquitetura como uma modalidade de manifestação artística e a cidade tratada como obra de arte, considerada como bela além de confortável e eficiente. (Deve-se considerar a arquitetura como uma modalidade de manifestação artística e a cidade ser tratada como obra de arte, considerada como bela além de confortável e eficiente)

É gratificante ver a questão ser retomada, mas ao mesmo tempo frustrante constatar a dificuldade das pessoas enxergarem a beleza. Escrevem-se textos, insiste-se sobre isso e não há rebatimento. A gente não vê a cidade respeitada ou bem cuidada. A integridade que distingue a obra de arte deveria ser considerada e não, como está sendo, degradada.

Eu acho que os problemas que vocês levantaram decorrem da atual conjuntura da cidade, uma evidência, a configuração da cidade é diferente daquela que foi originalmente proposta. A cidade foi proposta para meio milhão de habitantes e agora....

Vindo de avião aqui para Brasília, levei um susto com o tamanho da mancha urbana, a cidade está se conurbando. É um negócio assustador! O Plano Piloto relegado a ser um mero bairro, problema que eu não me arriscaria a tentar resolver... resolver um problema de uma cidade que já não é mais aquela que foi proposta por Lucio Costa.

Outro aspecto é a incompreensão do que a cidade propõe. Lucio Costa diz: Brasília não é só o desenho de uma cidade, é um conceito de cidade. Então que conceito de cidade? Vocês mesmo já responderam, é a cidade feita para promover a consciência de cidadania. Resta perguntar o que seria a cidadania? Aristóteles ajuda ao definir não o que é a cidadania, mas o que é o cidadão. Nos diz que é aquele que toma parte na ação de governar e de ser governado, e ao dizer isso, na verdade ele distingue duas condições do ser humano, do indivíduo. Uma é a condição do indivíduo particular, como pessoa e a outra é esse mesmo indivíduo como um ser coletivo, que é governado, e, portanto, reconhece regras de conduta na qual se insere. Quem diz isso de uma forma muito bonita é Machado de Assis num conto que se chama O Espelho onde diz: todo indivíduo tem duas almas, uma que é de dentro para fora e outra de fora para dentro, e o indivíduo se completa através dessas duas. A condição moderna de cidadania considera a condição individual e a condição coletiva. Se a condição coletiva predomina, emerge um regime totalitário que desconsidera o indivíduo. Se o indivíduo

é que prevalece, então, se tem uma anarquia. A partir daí é que as duas condições deveriam ser consideradas. Bom, como é que Lucio Costa aborda a questão? Ele diz que a cidade foi imaginada, desenhada para conciliar o indivíduo, o ser humano como pessoa e como ser coletivo. E tem um texto dele que eu gosto que diz: O interesse do ser humano como ser coletivo nem sempre coincide com os interesses deste mesmo ser como sujeito, como pessoa, compete ao urbanista resolver essa contradição fundamental.

Concretamente como se faz isso? Faz-se isso decodificando, ou desenhando uma cidade onde essas condições do indivíduo enquanto ser coletivo e ser particular, ou como pessoa, encontre o seu lugar. O sujeito deve poder se encontrar na cidade nestas condições.

Então aquela ideia dos dois eixos que se cruzam basicamente configura dois territórios diferenciados e articulados e se tem uma leitura nítida daquilo que é o espaço coletivo, o espaço de celebração, este espaço que ele chama de escala monumental, e aquele da escala particular ou doméstica que é o outro eixo, o eixo curvo. Na verdade, ele diz que a cidade foi pensada em 3 escalas, monumental, doméstica e gregária. Na escala gregária, que seria o centro da cidade, as pessoas poderiam se encontrar em função de um impulso afetivo com outras pessoas. E por fim, como os 3 mosqueteiros que são 4, a outra seria a escala bucólica, aquele território onde o indivíduo se encontre enquanto ser natural, que se identifica com

a natureza. Na época era o único projeto do concurso que não encostava a cidade à beira do lago, todos os outros beiravam o lago como um fator de ambientação. Ele a afasta para criar esta outra escala (escala bucólica).

A escala é uma medida, só que uma medida não comensurável, é uma medida da consciência, incomensurável. Escala da consciência do ser humano como um ser coletivo e como ser individual. Acho um golpe de mestre o centro da cidade sem uma configuração emblemática. E ele refere-se à plataforma da rodoviária que não devia estar bem no eixo, mas descentralizada para não ser um centro de simetria do projeto. E dá um aspecto mais discreto porque já é o centro, por ser o centro da cidade já tinha importância.

Dai aquela polêmica que surgiu quando Oscar Niemeyer queria implantar um obelisco inclinado, eu realmente acho que aquilo poderia contrariar o conceito da cidade porque marcava um centro. Era um monumento, um obelisco entre a plataforma da rodoviária e a esplanada, então marcava um centro. E acho que o que o Lucio Costa pretendia era uma equivalência das escalas, uma não deveria prevalecer sobre a outra. Uma contribuição inédita, porque se você pegar essas cidades que a gente considera como cidades obras de arte, como Paris, Washington... Paris, por exemplo, você tem a escala monumental e a escala do cotidiano, só que quem rege a composição é a escala monumental. Por exemplo, o Arco do Triunfo que é um centro onde todas as vias con-

vergem. E quando você tem um centro você tem um predomínio, a questão da centralidade é que as coisas se organizam em função deste centro e então tem uma importância maior, estabelece uma hierarquia. Lucio Costa promove a escala residencial, segundo ele, com uma certa monumentalidade, sem ter mais ou menos importância do que as outras escalas.

Bom, agora porque obra de arte, quer dizer como é que ou em que aspectos a gente evidencia o fato de ser uma obra de arte (cidade). Lucio Costa usa todos os recursos da criação da obra de arte, basicamente a composição plástica. Ele compõe! Reúne aspectos distintos através de certas normas da composição. A simetria, por exemplo é uma delas, um caso particular da proporção. E é na proporcionalidade onde a gente entende, por exemplo o tamanho da superquadra. Por que a superquadra é superquadra? É maior! Normalmente nas cidades as quadras são de 100 a 150 metros essas daqui tem 300, o dobro. Porque deveria ser proporcional, proporcionar o particular ao geral. E Lucio Costa propõe uma forma de se perceber isso, uma envoltória de árvores de tal o modo que promove a leitura do conjunto. Ele reclama nos seus escritos, a implantação das palmeiras imperiais no eixo. Não pode! Porque a palmeira imperial, o nome já diz, tem a escala generosa dos espaços de celebração e que não é o caso aqui. Outra coisa que ele diz é que junto às entradas das quadras, nas tesourinhas, não se deveria plantar vegetação para que o quadrado dessa muralha verde, como ele

chama, possa ser percebido. Outra coisa, por exemplo, logo no início não tinha o código de obras, mas algumas indicações sugeridas por ele de como deveria ser tratada a arquitetura das quadras. Ele diz: evitem usar materiais e formas dos espaços monumentais, como granitos e mármore, ou frontões e capitéis, que é o que distingue a escala monumental e, portanto, não deveriam ser usados. Aí toda quadra, todo síndico resolve tirar aquelas magníficas cerâmicas São Caetano que duram a vida toda para botar granito! Você fica ofuscado com aqueles espelhamentos de granito! Então ele (Lucio Costa) tinha uma visão clara da necessidade de preservar o conceito.

Um aspecto que ele considera importantíssimo na composição é a modenatura. E ele explica o que é a modenatura e dá um exemplo bem bonito: todo rosto humano tem a mesma disposição, os olhos mais ou menos no meio do rosto além do eixo de simetria. Mas cada rosto é diferente e a diferença está no tratamento dado às partes, a boca, os olhos, o nariz. Isso é o que distingue cada rosto. E Le Corbusier diz: a modenatura é a chave da arquitetura, ou seja, o modo como você trata as partes. E é o que ele (Lucio Costa) fez aqui, ele tratou as partes de uma forma diferenciada, os espaços monumentais não tem a mesma maneira, ou o mesmo aspecto das superquadras.

#### **PROF. CAROL BORGES:**

*E como você analisa a arquitetura atual aqui em Brasília, os prédios de*

*superquadras que estão sendo construídos, os prédios novos de 7 pavimentos?*

**PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

É triste, mas isso acontece porque há uma incompreensão da necessidade do equilíbrio dessa relação entre o que é o geral e o particular.

E onde está o problema? O problema é que não há uma consciência da diferença entre o que é particular e o que é geral, se confundem o interesse do homem como ser coletivo e os interesses particulares. É só você abrir o jornal toda hora e se tem a corrupção que nada mais é do que alguém particular se apropriando de uma riqueza que é coletiva. Rui Barbosa já reclamava: isso não vai mudar nunca?

Então, em Brasília acontece exatamente isso, é o comerciante do comércio local que invade uma área pública, é o síndico que trata o bloco como se fosse o quintal da casa dele. Eu fiquei doente quando tiveram que reformar o bloco onde eu morava na 308 Sul, o bloco I. De fato o revestimento estava caindo e eu tinha que ser repostado. Eu e um vizinho também arquiteto nos propusemos a participar da comissão de obras, achávamos que tínhamos uma certa responsabilidade e pesquisamos qual material disponível no mercado pudesse preservar o caráter do bloco. Explicávamos tudo isso e as pessoas vinham dizer: olha se a gente fizer isso que vocês estão falando não vão perceber que foi reformado. Durma-se com um ba-

rulho desses! E finalmente acabaram por botar uma pastilha vitrificada. Na época, eu reclamei para o IPHAN, mas acho que também não deram muita bola e aí ficou por isso mesmo.

Quem percebe a dificuldade de distinguir o coletivo do privado é o Sérgio Buarque de Holanda e vale a pena ler este capítulo de Raízes do Brasil sobre o homem cordial. Ele aponta que é enraizada no Brasil essa dificuldade de diferenciar o que é interesse coletivo do que é pessoal. A questão da cidadania depende da capacidade de diferenciar essas duas dimensões e é na possibilidade de coabitar que podemos vislumbrar uma sociedade mais generosa, harmoniza e feliz.

Acho que uma questão que pode ser lembrada é que Brasília foi considerada um patrimônio da humanidade. Por que ela poderia interessar para quem não mora na cidade? E interessar não só esta, mas outras gerações. O inglês traduz melhor essa ideia de patrimônio, human heritage – herança da humanidade, é o que se deixa como legado para os outros. E por isso Lucio Costa se refere à obra de arte como tendo um caráter de permanência. A gente aprecia as pirâmides, as catedrais e etc. até hoje embora não se tenha mais o mesmo ideário nem as mesmas certezas dessas épocas. Daí a gente poderia fazer o link com outro aspecto que vocês trouxeram que é a questão do ensino, não é?!

## PROF. CARLA FREITAS:

*Sim, a questão que você coloca em seu trabalho “Da construção do olhar sensível” e aponta para as transformações artísticas ocorridas entre a antiguidade e a arte moderna e como isso evidencia um processo de continuidades e rupturas.*

*“As transformações artísticas analisadas no lapso de tempo decorrido entre a Antiguidade e a Arte Moderna evidenciam um processo de continuidades e rupturas historicamente estruturadas. Cada momento desta trajetória é lastreado em condições concretas que o precedem e contém simultaneamente, em germe, as sementes do desenvolvimento futuro.” (Gorovitz, M. Da construção do olhar sensível)*

*Aponta também para a importância e a necessidade do estudo e ensino das artes e de sua história para a educação do arquiteto e para a formação de cidadãos. Indica ainda que este estu-*  
*dolensino consiste em educar o juízo de gosto, e isto seria instrumentalizar o arquiteto a identificar a beleza como expressão da totalidade humana. Frente a realidade brasileira atual que optou por massificar o ensino superior, priorizando a quantidade e não qualidade como você analisa o ensino para esta “utopia” de formar cidadãos, “nascida da esperança de transformação social, da promessa de emancipação do ser e da criação de uma natureza propriamente humana”?*

## PROF. MATHEUS GOROVITZ:

Então o que é o ensino na arquitetura? O ensino na arquitetura não é ensinar a empilhar tijolo sobre tijolo, mas dar uma consciência de cidadania, e um dos recursos que a gente tem é através da arte. Dostoiévski diz isso de uma forma muito bonita, acho que é em Crime e Castigo: a beleza salvará o mundo! Parece meio ingênuo, né? Mas eu acho que arte é uma maneira de construir o humano, a condição humana, de uma forma mais generosa, Kant diria desinteressada, e quando Lucio Costa diz que para fazer uma cidade capital você tem que estar imbuído de uma certa nobreza e dignidade de intenção, o que é essa dignidade? E por que dignidade?

Fui encontrar em um texto de Kant como ele define dignidade, como aquela relação desinteressada, quer dizer você se corresponde com os outros afetivamente não buscando um retorno. O comerciante que te dá um sorriso, te trata bem e te diz bom-dia, tem um interesse. Nada contra, mas é uma forma interessada. Maria quando concebe o Cristo, ela o faz de uma forma desinteressada, sem a intervenção digamos de uma relação mais interessada.

## PROF. CAROL BORGES:

*Cheia de graça!*

## PROF. MATHEUS GOROVITZ:

Sim, cheia de graça, exatamente! Vocês lembraram bem, o que é a graça, vem de

gratuito, de algo que se faz de uma forma onde a afetividade comparece não em função de algum retorno, como o amor e a amizade. É isso que eu acredito e fico muito satisfeito por vocês estarem nesta cruzada comigo, né?

Na apreciação da obra de arte você ajuíza, avalia, aprecia em função das suas capacitações pessoais sem a intervenção de fatores extrínsecos, por isso desinteressadamente. E ao pé da letra o que é interesse? Inter – est, colocar alguma coisa entre você e outra coisa ou pessoa. O desinteressamento não coloca ao ajuizar, o fator histórico, sociológico, ou econômico na leitura da obra de arte, então é um modo de exercer a tua sensibilidade, a tua afetividade... se descobrir enquanto ser humano.

**PROF. CARLA FREITAS:**

*Matheus, e isso é ensinado?*

**PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

É uma boa pergunta. Eu que lhe devolvo a questão! (Risos) A ideia era sempre de tornar as pessoas melhores...

**PROF. CARLA FREITAS:**

*Aí vem outra questão, como hoje com uma realidade tão adversa que caminha talvez na direção oposta dessa utopia, poderíamos chamar atenção para essas questões?*

**PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

Não sei. Gostaria de ter a resposta, está acontecendo não só na arquitetura, mas acho que na música, no cinema, na literatura, na política ... onde estão os grandes estadistas nossos, né? Por que não temos um outro Rui Barbosa?

É um pouco frustrante, né? Uma vez em um seminário sobre o ensino perguntaram por que não formamos um outro Oscar Niemeyer? Aí ele morre e onde está a herança disso? Eu não sei, eu não sei a resposta. Se eu tivesse a resposta me candidataria a algum cargo público.

Saí de Brasília, mas acho que tive o privilégio de viver aqui. Aliás tive o privilégio muito grande em todo o meu percurso, porque do Brasil eu fui para Israel, morei em Jerusalém que é uma cidade obra de arte, de lá fui para Londres que também é uma cidade que pode ser considerada como obra de arte, depois Paris e Brasília. Então tenho uma certa... Sei lá, percebo a importância de você se identificar com a cidade. Só que estas cidades, Paris, Londres, Washington estão cada dia melhores. Os prédios são bem tratados, a herança, é reconhecida, preservada e celebrada.

Então sobre a pergunta de vocês, me parece que na Brasília atual se desconsidera esse legado. Eu acho que tenho até um viés um pouco conservador, por que ela não vai mudar nunca, vai ter que fazer o que os outros fizeram? Eu acho que não. Eu não acho que a arte avança por rupturas, mas sim por continuidade. Lucio Costa diz isso de uma forma legal: a melhor



forma de prever é olhar para trás. É tentar ver o que distingue essa arquitetura que a gente gosta e fazer diferente, mas preservando a qualidade.

Acho importante a questão da composição. A composição não é só em arquitetura, você tem composição na música, mas também tem composição na química. Se você colocar duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio, o que vai acontecer? Vai dar água. É uma composição molecular que vai dar sempre o mesmo resultado. E é bom que dê, se você botar 2H mais 1O e der outra coisa, a gente está lascado, né?

A composição na arquitetura e nas artes em geral é uma composição que não é predeterminada. No modo como você reúne as coisas, permite uma expressão do particular. Na música isso é claro. É um jogo, Le Corbusier define arquitetura como o jogo sábio e magnífico dos volumes sob o sol, mas por que jogo? No jogo o resultado é indefinido, você nunca sabe se é o Flamengo ou o Fluminense que vai ganhar, quer dizer, você tem as mesmas regras do jogo. Então, na construção da obra de arte você tem as regras, as normas da composição que você usa sempre, a proporção, a harmonia, o ritmo, a cadência, etc. São essas normas que você utiliza para que o resultado seja, ou o jogo, seja jogado de uma forma justa.

### **PROF. CAROL BORGES:**

*Sobre as tendências da arquitetura contemporânea, quais arquitetos vi-*

*vos você considera que estão produzindo uma obra de qualidade e como deveria ser o diálogo que o novo estabelece com o antigo no espaço urbano?*

### **PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

Bom, aqueles que todo mundo gosta, os vivos, né? Oscar Niemeyer já não posso citar, que era o artista brasileiro, o único artista brasileiro que quando vivo tinha uma projeção internacional. Hoje é aquele escritor, o Paulo Coelho! (Risos) Bom, mas tem o Sebastião Salgado, que tudo bem! Mas aqui dentro ainda temos o nosso Paulo Mendes da Rocha que está vivo e fazendo coisas bonitas. Eu tenho uma certa dificuldade de citar alguém. Em São Paulo tem alguns escritórios que eu gosto muito, MMBB, por exemplo, e uma série de escritórios que acho que tem uma arquitetura de qualidade porque reconhecem uma herança, pegam o bastão que o Artigas deixou, um fio da meada sem fazer igual, e estão fazendo coisas novas, não é necessário fazer igual. Mas é necessário ter um lastro.

Acho que a gente tem o papel superimportante de mostrar como reconhecer e como a beleza transparece, por quais meios, para que se possa fazer o belo sem fazer igual. Porque fazer igual você está cerceando, reprimindo a condição da criatividade. Picasso sabia disto ao dizer: se sabemos exatamente o que fazer, para que então faze-lo?

E fora do Brasil realmente tenho uma cer-

ta dificuldade, tenho visto por exemplo, em Paris uma série de obras que foram inauguradas, como a Filarmônica, é um horror! Jean Nouvel, acho, que tem aquele museu lá de antropologia, acho muito ruim.

**PROF. CAROL BORGES:**

*E aquele de arte contemporânea de Paris, o Pompidou? O que você acha?*

**PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

Ah, na verdade sabe que eu participei do concurso? (Estou ficando velho, risos). Na época, o Paulo Mendes da Rocha tinha também um projeto. Eu achei que eles tiveram uma bela sacada, eu gosto. O Foster e o Piano criaram uma bela praça que é rampada, é quase um anfiteatro e funciona muito bem. A arquitetura é uma arquitetura que eu não me identifico muito. É uma arquitetura cuja a forma, decorre da função, da técnica e da estrutura, quer dizer, os elementos pelos quais o prédio transparece são a grande estrutura de vigas enormes e aquela escada rolante exposta. Mas acho que foi feito com muita sabedoria. No Rio, não sei se vocês passaram naquele calçadão onde tem o MIS, Museu da Imagem e do Som, que está em fase de construção. Eu não sei de quem é, mas por que estou mencionando isso? Porque parte do mesmo princípio, ele tem a circulação que vai por fora e assim você pode apreciar aquela magnífica baía. A ideia é boa, só que ficou confuso, como é feito em concreto se confunde com o que está atrás e não tem como você reunir os

dois. É uma questão de modenatura.

Acho que lá no Pompidou, eles conseguiram criar um evento bonito, você sobe pelas escadas rolantes e os telhados de Paris vão surgindo. Foi realizado de uma forma que acho muito clara, correta. Particularmente, eu acho que a arquitetura que se expressa pela técnica, como toda técnica, se torna obsoleta em algum momento. Você tem uma televisão preto e branco, depois uma colorida, aquela em preto e branco você não quer nem ver. Depois tem uma de plasma... então aquilo...a técnica tem essa condição de se tornar obsoleta. Tanto é que o museu Pompidou ficou não sei quanto tempo fechado porque estava enferrujando. Eu olho para aquilo, gosto! Por dentro acho que não tem nenhum atrativo, diferente, por exemplo, dos museus do Niemeyer que você por dentro tem uma leitura de um espaço único. Aquele museu de Curitiba, por exemplo.

**PROF. CARLA FREITAS:**

*E o museu de Bilbao teria essa leitura inusitada por dentro?*

**PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

O de Bilbao é confuso por dentro, ele de alguma forma dialoga com a paisagem, com o rio e marca a paisagem. Agora ele (Frank Gehry) repetiu a solução em Paris, naquele museu Louis Vuiton e é horrroso! É de uma grosseria, é desproporcional, é desmesurado, não tem medida. E usa muitos materiais; madeira, não sei o

que... E virou uma confusão, então não é um arquiteto que digamos parte de um conceito. É só olhar os croquis dele. Se você vê os croquis dele são rabiscos, não riscos!

No risco de Oscar Niemeyer todos os aspectos essenciais da arquitetura estão presentes, há uma coerência. Bom, eu não sei acho um pouco conservador, mas ainda fico assim achando que eu posso tirar mais lições dessa geração dos anos 50.

Quando eu fiz o concurso de titular (da Fau-UnB), uma das professoras que estava na banca, esqueci o nome dela, falou assim: você só está mostrando Picasso, Van Gogh, e os contemporâneos, os novos?! Respondi: os valores da obra de arte permanecem, eles são válidos até hoje, por que eu tenho que me referir só aos contemporâneos para, digamos, falar da nossa época atual? Acho que cada leitura de uma obra de arte é sempre atual. Se você olha para Noite Estrelada de Van Gogh sempre vai descobrir algo novo. O exemplo mais claro, a Mona Lisa é considerada uma das obras mais icônicas da humanidade. Será por que é resultado mercadológico, ou por que ela tem uma história de que foi roubada, ou por que é do Leonardo da Vinci? Ele usa recursos pictóricos que sempre deixam em aberto a leitura, a começar pelo sorriso que é irônico. E o que que é a ironia? É você dizer alguma coisa, se referindo a outra, e aí o lado direito é diferente do esquerdo, a paisagem é diferente, ela está em uma posição que você não sabe se está de frente ou não. É

uma obra que permite uma leitura sempre tão nova que eu acho que sim merece essa condição de ícone.

**PROF. CARLA FREITAS:**

*Matheus você começou a comentar agora sobre arte, e a prof. Aline esta começando a desenvolver um trabalho sobre o trágico dentro da obra do Hélio Oiticica é uma relação com as favelas.*

**PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

Fala um pouco para eu saber mais porque conheço pouco a obra do Hélio Oiticica.

**PROF. ALINE ZIM:**

*Estou tentando um deslocamento das categorias literárias para arquitetura, por exemplo, a ficção, a tragédia, o romance.*

**PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

Bacana isso é muito bonito...

**PROF. CARLA FREITAS:**

*em algumas aulas você tentou introduzir estes conceitos do trágico, do sublime...*

**PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

Sim, as categorias do sublime e do belo, são algumas das que ajudam a gente. E do trágico acho que usei um pouco o drama e a tragédia. Deixa eu ver se lembro um pouco...

Bom, o belo e o sublime na verdade a gente associava muito como categorias que são úteis para distinguir uma condição da composição harmônica de uma composição dissonante, falando da obra da Mona Lisa a gente se vale do conceito de sublime, parte-se até da definição da física, o que é sublimar? É passar de um estado sólido para um estado gasoso sem atravessar o estado líquido, e o estado gasoso sempre tem contornos mais indefinidos. O sublime se prestaria mais a você expressar um conflito entre o objetivo e o subjetivo, entre o geral e o particular... não sei se no drama também se teria isso, o drama é a condição da problemática mais pessoal, enquanto a tragédia fala de uma condição coletiva. Eu me lembro até que a gente usava o exemplo do Hamlet, por que que o Hamlet pode ser considerado como um herói trágico moderno? Porque ele introduz o tempo todo a dúvida, quer dizer ele tem a consciência do coletivo, mas ele tem uma consciência lúcida da subjetividade, daí angustiante, da condição dele como sujeito da ação. Ser ou não ser? É uma identidade como ser, a questão do ser não como substantivo, mas sim como verbo, da identidade tributária da ação. Do conflito diante da condição de príncipe (coletiva) e da condição afetiva, filho do pai assassinado, do choque entre a liberdade e a necessidade. Esse conflito dele como pessoa e como ser coletivo é a condição da tragédia, da tragédia grega, do Édipo que se vê nesta situação conflitante e deseja romper com a predestinação divina, daí sua grandeza, heróica. E é o conflito que promove a mudança.

E na arquitetura eu gostaria de ver o teu trabalho (prof. Aline) porque gostaria de ver isso rebatido. Se a gente retomar a questão da diferença entre o barroco e o clássico acho que você vai realmente encontrar algumas categorias que vão te ajudar a situar isso. E o Hélio Oiticica eu já vi a obra dele, mas conheço pouco.

#### **PROF. CARLA FREITAS:**

*E sobre a educação do juízo de gosto – a qualidade interna versus a massificação do ensino – não é quantidade, é qualidade interna...*

#### **PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

Outro dia a prof. Claudia Garcia me disse que entram por semestre 70 alunos na UnB! Se o que a gente fazia na aula, abrir um espaço onde cada indivíduo possa se encontrar, como é que você faz isso com tanta gente? Não dá. Então o que está prevalecendo é a mesma coisa que prevalece em Brasília ... A ganância, o lucro, o tirar vantagem, que as escolas particulares estão aí com o objetivo comercial! Mas se devia ter essa consciência de que a escola está aí para ensinar cidadania e não para colocar no mercado técnicos de edificação. E a faculdade de arquitetura, na verdade, e vocês sabem disso, a gente (referência ao grupo de pesquisa em estética) era um estranho no ninho, a gente poderia resolver?! Uma matéria isolada dentro de um ensino que é todo direcionado para, digamos, formar técnicos – e se ainda fosse direcionado para formar bons técnicos em edificação, tudo bem!

Mas nem isto! E artistas nem se fala! Dá uma olhada no campus da Universidade de Brasília para ver o que está acontecendo. Eu me envolvi num projeto que era o Centro das Artes, para suprir espaços para o departamento de Desenho Industrial que precisa de espaço, e eu me envolvi nisso. Tem um terreno lá na extremidade sul do Minhocão, um terreno grande, embaixo da Biologia. E a gente pegou aquele terreno para implantar um centro das artes: a Música, o Desenho Industrial, Artes Visuais e Artes Cênicas. E a Faculdade de Arquitetura estava com necessidade de reformar o espaço físico. Eu perguntei por que Arquitetura não está neste Centro das Artes? E não tem resposta... não é considerada uma profissão artística e a consequência está aí, o que a gente vê na cidade. A cidade está sendo desfigurada. Fazendo uma arquitetura que é de péssima qualidade, aquele setor hoteleiro é horroroso, apesar da bela referência do Hotel Nacional, lá do lado. Acho que o ensino não está se preocupando com essa formação cidadã e acaba se refletindo no que a gente está vendo aí na cidade. Os exemplos são inúmeros, me ocorre agora o shopping center Brasília, quer dizer aparece um prédio que realmente não tem diálogo nenhum com nada e que só chama a atenção para ele mesmo pelas formas mais inusitadas, para não dizer ostentatória!

Uns estudantes lá da FAU de São Paulo também me pediram uma entrevista e aí estávamos comentando, porque o Niemeyer não deixou discípulos. Em nada

ajuda o viés crítico da obra de Niemeyer, Lucio Costa, no sentido de que Brasília segregava, impede o exercício da condição de cidadania, um discurso que na Fau-UnB vocês conhecem! Que os espaços são muito amplos, as pessoas não se encontram! Que Niemeyer já era, só está fazendo projeto que não tem mais qualidade! Então se você descarta essas referências... eu não acho que se deva fazer uma nova cidade, exatamente como é Brasília, mas acho necessário compreender que a cidade além de um funcionamento bom em termos de circulação, de conforto, boa e segura, tem que ser bela. Retomando a tríade de Vitruvius: além da firmitas e da comoditas, a venustas; quer dizer é uma tríade que deve ser considerada, e quando a gente fala que tem que ser uma obra de arte a gente não está dizendo que não tem que ser bem resolvida, formulada em termos técnicos e funcionais. Tem que ser sólida, resistir às intempéries, mas o que eu acho é que esse aspecto das artes está sendo negligenciado. E acho que isso é uma das razões pelas quais não estão surgindo outros Niemeyers por aí. Acho que a gente reprime o estudante.

**PROF. CAROL BORGES:**

*essas últimas obras do Niemeyer o que você acha?*

**PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

Bom, menciono essa última que ele fez e acho que foi um equívoco, aquela do obelisco. Aqui em Brasília, qual que a gente poderia lembrar?

**PROF. CAROL BORGES:**

*A procuradoria, o museu da república e a torre digital*

**PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

A torre digital eu realmente não achei bonita, não gostei do modo como são articulados aqueles balanços, achei grosseiro. É só comparar a torre do Lucio Costa que tem uma delicadeza e tem uma relação entre a estrutura metálica e a base, aquilo é uma obra de mestre. Acho que talvez o melhor daquela torre é ver a cidade de dentro dela, não é?! Como o Vitor Hugo que era contra a torre Eiffel e ele ia tomar seu café da manhã debaixo da torre e dizia é o único lugar que eu não a enxergo. Hoje sabemos que ele estava errado, porque de fato ela é linda e dá um caráter à cidade. Nem todas as obras do Picasso tem o valor da Guernica. Acho que tem que dar um desconto para o artista que pode nem sempre fazer uma obra mestra. Mas acho que no conjunto a obra do mestre é coerente. Ele deu uma cara a Brasília, e mesmo da arquitetura brasileira, e tem uma diferença, sempre se fala dele como discípulo do Le Corbusier, mas não, ele tem uma maneira de fazer arquitetura que incorpora como legado, o barroco, e uma das coisas mais admiráveis é o modo de inserção no espaço.

**PROF. CARLA FREITAS:**

*Me lembro de uma frase que você falava muito pra gente, dizendo que ele (Oscar Niemeyer) responde ao Le Cor-*

*busier dizendo não é o ângulo reto que me atrai, mas é a curva, eu me lembro muito disso.*

**PROF. CAROL BORGES:**

*o Niemeyer era mais do barroco...*

**PROF. MATHEUS GOROVITZ:**

Sim, e o Le Corbusier detestava o barroco, porque ele dizia que no barroco você vê tudo de uma vez e parece que é um monte de gente falando ao mesmo tempo. Para a arquitetura ser apreciada é preciso andar, tem que se andar. Você vai vê um trecho, e aí continua ...

**PROF. ALINE ZIM:**

*Podemos talvez levantar a questão do patrimônio, Matheus. Eu estive em Paris em janeiro e vi numa revista alguns ensaios sobre essa questão de modificar o patrimônio, verticalizar a cidade, essas questões de se manter ou de se deixar a cidade evoluir. Vi umas cidade futuristas por cima da própria Paris histórica, uns ensaios muito ousados e como isso fica em Brasília? Porque ao mesmo tempo que nós como seres móveis com a comunicação globalizada, com computadores e celulares enfim, o Photoshop e toda essa questão das técnicas estamos muito velozes e ao mesmo tempo a arquitetura se torna densa e pesada, ela não acompanha o nosso ritmo enquanto seres mutantes como lidar com a questão do patrimônio em Brasília?*

## PROF. MATHEUS GOROVITZ:

18 Sim, não se trata de engessar a cidade. Bom, acho que a questão é a responsabilidade de permitir que aquilo que tem um valor universal possa ser preservado e transmitido. Possa ser herdado por outras gerações. Alois Riegl levanta a questão de distinguir entre o patrimônio histórico e o patrimônio artístico, e ele preconiza que o patrimônio artístico é subordinado ao patrimônio histórico. Eu não acho, senão a Casa da Dinda, iria ser tombada por que foi a residência de um presidente (o Collor). Acho que a questão do patrimônio se insere nesta discussão que é o reconhecimento daquilo que deve permanecer, aquilo que tem o caráter de permanência e tratar de que isso não se desfigure. Me parece que a questão é simples assim, mas para isso é necessário também que os responsáveis pelo patrimônio tenham uma formação artística. Acho que numa palestra de uns italianos que vieram aqui, no final da palestra me perguntaram se Brasília é fruto da criação de um indivíduo e como é que você faz uma cidade, se você precisa que essa criação saia do traço de um indivíduo, que é o artista... na época eu não consegui responder muito bem, mas pensando hoje acho que normalmente uma cidade é fruto de uma equipe, né? Você tem uma série de profissionais de diversas áreas que intervêm ali, em termos de transporte, em termos ambientais, enfim. Eu acho que sim, essa consciência artística deve estar presente na equipe, acho que tudo passa então para mim por isso. Quer dizer eu acho

que sim a beleza salvará o mundo. E outro aspecto que acho que a gente poderia assim levantar é a questão do conceito de humanidade, Schiller que diz que a condição humana é um horizonte do qual a gente se aproxima mais e mais sem nunca a alcançar. Então a condição humana é uma condição de transformação é sempre possível ficar melhor. Harry Bertoina, o designer de móveis, daquelas cadeiras bonitas que tem uma trama de aço, respondeu à pergunta: qual é o segredo de se fazer um projeto. E ele diz: o segredo de fazer um projeto é o mesmo de se viver, é que sempre é possível fazer melhor. Então acho que a arte é aspiração e envolve a questão do tempo. A transformação é função do tempo. O ser tributário do tempo, o Heidegger desenvolve o tema. Então é isso aí!

A composição na arquitetura e nas artes em geral é uma composição que não é predeterminada. No modo como você reúne as coisas, permite uma expressão do particular.

Matheus Gorovitz